

ATENTADO NOS EUA

Bolsonaro relembra facada

Ex-presidente compara ataque a Donald Trump à agressão que sofreu na campanha de 2018 e mantém aposta na polarização política

» VINÍCIUS DORIA
» ANDRÉ PHELIPE
Especial para o Correio

O atentado contra Donald Trump — ex-presidente dos Estados Unidos e candidato do Partido Republicano à sucessão de Joe Biden (presidente democrata que tenta a reeleição) nas eleições de outubro —, sábado, em um comício na Pensilvânia, jogou mais gasolina na fogueira da polarização política brasileira. Os principais representantes da extrema-direita do país, personificada pelo bolsonarismo, usaram as redes sociais para apoiar o candidato republicano e fazer vinculações com a disputa política doméstica.

O ex-presidente Jair Bolsonaro disse, ontem, ao participar de uma passeata em São Paulo, que “esses atentados” só atingem “pessoas de bem” e “conservadoras”, com uma autorreferência ao atentado à faca que sofreu na campanha eleitoral de 2018, em Juiz de Fora (MG).

“Somente pessoas conservadoras sofrem atentados. Os atentados são contra pessoas de bem. Ele (Trump) foi salvo ali — no meu entender, como eu fui — por um milagre. Porque foi um milagre eu ter sobrevivido em 2018, tendo em vista a gravidade dos ferimentos (da facada). E ele (Trump) foi salvo por questão de poucos centímetros. Isso, ao meu entender, é algo que vem de cima”, disse o ex-presidente, lançando dúvidas sobre as motivações do ataque.

Filho 01 do ex-presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) reforçou a ligação entre os dois casos com uma suposta conspiração. “Tentaram matar Trump, tentaram matar Bolsonaro, mas a direita é que é acusada de ser violenta. Você pode não gostar de Trump

ESTADÃO CONTEÚDO/MARCO SILVA/WPP



Em evento do PL em São Paulo, Bolsonaro diz que ele e Trump foram “salvos por milagre” e lança dúvidas sobre a motivação do ataque nos EUA

ou do Bolsonaro, mas se pergunte: por que quiseram matá-los?”, indagou nas redes sociais.

Para o cientista político Leonardo Barreto, “um atentado, ao vivo, de um conservador, durante a campanha nos Estados Unidos” é “nitroglicerina pura”. Segundo ele, é “natural” que a extrema-direita brasileira faça a vinculação com a facada que Jair Bolsonaro levou em Minas Gerais. “Esse é outro elemento nesse papel de vitimismo que (a extrema-direita) adota.” O terceiro elemento é o fato de que os alvos têm sido políticos da direita radical. “Temos elementos para a construção de uma narrativa que vai surgir de maneira muito automática”, avalia. Para

ele, o próprio Bolsonaro precisa desviar a atenção do público em relação aos processos que responde no Supremo Tribunal Federal (STF). “Ele vai cair com tudo em cima desse atentado”, previu.

Outros políticos do campo da direita adotaram um discurso mais moderado, como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Na análise de Leonardo Barreto, a forma como políticos ultraconservadores vão usar o atentado em suas narrativas pode se voltar contra a própria direita. “Cria uma armadilha no sentido de que dá palanque, exatamente, às figuras que são as mais rejeitadas (pelo eleitor), que têm

seus tetos eleitorais mais baixos, como o próprio Bolsonaro.”

Para ele, essa apropriação ideológica do atentado atrapalha, inclusive, o processo de moderação que lideranças de direita buscam construir para ampliar seu raio de influência no eleitorado.

O cientista político Leandro Gabiati, por sua vez, chama atenção para outro aspecto, o da “transnacionalização” dos movimentos da direita mais populista e ideológica. Ele cita Trump, Bolsonaro e o presidente da Argentina, Javier Milei, como exemplos dessa “transnacionalização”.

“O que a gente vê é uma exploração muito evidente de um caso que não tem nada a ver com

a política brasileira, mas que se traslada aqui para criar engajamento, algum tipo comum de narrativa que tem muito a ver com as novas formas de comunicação, muito mais imediatas, em que todo mundo quer se posicionar sem ter qualquer informação factual, sem saber o que realmente aconteceu”, explica Gabiati.

Bate-boca nas redes

Nas redes sociais, o fogo no “parquinho” ao qual Leonardo Barreto se refere atingiu novos patamares, ontem, com a profusão de “teses” disseminadas sobre o atentado a Trump — quase todas sem comprovação. O deputado federal

André Janones (Avante-MG), aliado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e um dos principais críticos da extrema-direita bolsonarista, disparou diversos posts nas redes sociais sugerindo que o atentado foi “fake” (falso). “Se ficar comprovado que o incidente contra o republicano foi real, o presidente Lula continuará no cargo e Bolsonaro continuará inelegível”, provocou o parlamentar e influenciador digital.

A publicação de Janones foi respondida quase que imediatamente pela deputada bolsonarista Bia Kicis (PL-DF). “Ainda dá tempo da Câmara dos Deputados fazer justiça e, por meio do seu Conselho de Ética, cassar o mandato desse deputado que envergonha o Parlamento. Recorremos da decisão de arquivamento da denúncia (contra Janones) de rachadinha, cheia de provas. Com isso, esse ser sente-se livre para destilar seu ódio e sua ignorância como na publicação abaixo”, postou Kicis.

O senador e líder do governo Lula no Congresso, Randolfe Rodrigues (AP-sem partido), também foi às redes sociais, para denunciar que tem sido vítima de notícias falsas que o colocam como solidário ao autor dos tiros contra Trump, Thomas Matthew Crooks. “Mentira! Fake! Crime! O gabinete do ódio não tem limites e não para. Não me solidarizei com atirador, quem defende armas e crimes não sou eu! Na dúvida, meu perfil é aberto e qualquer um pode conferir o que saiu de verdade ou não. Não espalhem inverdades, desconfiem e denunciem. Aqui não tem espaço para fake news! Isso é crime e os responsáveis terão que responder na Justiça”, escreveu Randolfe.

Leia mais sobre a repercussão do atentado contra Trump nas páginas 8 e 9

ROBERTO BRANT

OS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES JÁ CONCLUÍDAS NOS PERMITEM ALGUMAS CONCLUSÕES. A PRIMEIRA É QUE EM NENHUMA PARTE A MAIORIA DA POPULAÇÃO ESTÁ SATISFEITA COM A SITUAÇÃO EM QUE ESTÁ VIVENDO E COM O GOVERNO QUE ESTÁ NO PODER

Política em tempos de cólera

Este ano de 2024 está se mostrando uma grande vitrine da democracia. Tivemos eleições na Índia, no Reino Unido e na França. No mundo dos países de regime autoritário, como a Rússia e a China, tudo se passa como se nada estivesse acontecendo. Lá reina a paz dos cemitérios e qualquer voz que se eleve é logo silenciada, às vezes, para sempre. Nas democracias, ao contrário, reina o vozerio e o movimento, porque a população é livre para eleger ou derrotar os governos sem temer pela sua vida, seus bens ou sua liberdade.

Os resultados das eleições já concluídas nos permitem algumas conclusões. A primeira é que em nenhuma parte a maioria da população está satisfeita com a situação em que está vivendo e

com o governo que está no poder. A evolução da economia capitalista combinada com as novas tecnologias da informação tem trazido grandes mudanças na vida das pessoas e os sistemas políticos estão se tornando anacrônicos. As esferas da vida econômica e social e a da política estão muito separadas, vivendo em planos diferentes. Para se adaptar às mudanças da vida real os sistemas políticos teriam que se reformar, mas os políticos em toda a parte prometem mudar tudo, menos o sistema que os elegeram.

A consequência desta dissonância é o descontentamento com os governos e, até, com a democracia. Nas principais eleições deste ano os eleitores votaram contra os governos.

Na Índia, um país de 900 milhões de eleitores, numa eleição toda própria, que dura 44 dias, o partido do governo, com todo o peso da máquina administrativa, perdeu 60 cadeiras e teve que aliar-se a outras legendas para manter-se no poder.

Na França e no Reino Unido, além de votar contra o governo, a população demonstrou uma clara indecisão em relação a todos os lados em disputa. No Reino Unido, o Partido Trabalhista obteve uma vitória ampla e clara, mas o resultado foi em grande parte influenciado pelo sistema eleitoral, distrital em turno único. O partido obteve 412 cadeiras, o equivalente a 63% do total, mas se formos verificar o total de votos populares, teve 33,8% dos votos. Somados os votos do Partido Conservador com os do Partido Reformista, ambos de direita, temos 38% dos votos. Ou seja, entre o conjunto dos eleitores a margem é praticamente inexistente. O sistema eleito-

ral, não o voto popular, definiu o resultado final. Isso nos leva a uma segunda conclusão: há um grande equilíbrio entre as forças políticas e a população não parece inclinada a proporcionar maiorias claras a nenhum dos lados. Mas os sistemas eleitorais frequentemente distorcem a vontade popular, como é o caso aqui e especialmente dos Estados Unidos.

A eleição na França é outra vitrine interessante de observar. Embora nossa imprensa tenha alardeado uma grande vitória da esquerda, não foi exatamente isso o que ocorreu. A Assembleia Francesa tem 577 cadeiras e a maioria para governar é de 289 cadeiras. A aliança de esquerda obteve 182 cadeiras, 31% do total e 107 cadeiras a menos que o necessário para governar. A aliança de Centro, do atual governo Macron, elegeu 168 deputados, apenas 14 a menos que a aliança de esquerda. A aliança de extrema direita elegeu 143 deputados,

muito aquém da maioria prometida nas pesquisas, enquanto que a direita moderada, do partido Republicanos, mais próximo do Centro, elegeu 45. Ao final o partido do Presidente perdeu 82 cadeiras, que foram transferidas para as duas alianças mais extremas, à direita e à esquerda. O saldo final é que os franceses votaram contra o governo, mas não quiseram delegar o poder a nenhum dos lados, sinal de falta de confiança em todos os grupos em disputa.

Em todo o mundo, e também no Brasil, o quadro é muito parecido. As agendas da direita e da esquerda buscam canalizar a cólera do homem comum e propõem agendas irrealizáveis para seduzi-lo. O centro procura resolver problemas numa perspectiva puramente técnica e por isto não inspira os eleitores e ao recusar fantasias exaspera a maioria da população.

Aonde isso nos levará, além do impasse e das frustrações?



BRB

MOBILIDADE

MOBILIDADE

BILHETE ÚNICO DE BRÁSILIA

Dinheiro não vai andar mais de ônibus.

Apenas os cartões Mobilidade, crédito e débito.

Aos poucos, os ônibus do DF não receberão mais dinheiro, sendo aceitos apenas os meios eletrônicos, como cartões de débito, crédito ou o Cartão Mobilidade. Retire o seu nos postos credenciados do Na Hora ou na rodoviária da sua cidade. Saiba mais em mobilidade.brb.com.br

Acesse o QR Code com a câmera do seu celular e baixe o app.

